

Brasil e África do Sul: experiências cruzadas

Este número da revista Paranoá traz um dossiê com pesquisas e reflexões recentes sobre o Brasil e a África do Sul nos campos da Arquitetura e do Urbanismo e também da História e Ciências Sociais. O dossiê vem, assim, dar continuidade a um diálogo interdisciplinar estabelecido entre professores e pesquisadores dos dois países por meio de publicações diversas, da formação de redes de pesquisa e da participação em eventos científicos. Ao abrir esse espaço para discussões correntes nos dois lados do Atlântico e para perspectivas comparadas de abordagem, evidenciam-se afinidades, convergências e paralelismos entre contextos aparentemente muito distintos.

O artigo de Roger Fisher, Mary Lange e Emmanuel NKambule sobre práticas de ensino e aprendizagem na África do Sul reflete sobre a elaboração de um currículo descolonizado, mais adequado à diversidade cultural e ao contexto da África do Sul pós-apartheid, mas também atento às especificidades do campo disciplinar da Arquitetura. Uma discussão similar sobre a necessidade de reconhecer diversidades e incentivar posturas críticas é, como se sabe, também da maior relevância para o contexto brasileiro, sobretudo em tempos recentes.

Em seguida, Marguerite Pienaar e Arthur Baker detêm-se no tema da circulação de ideias entre Brasil e África do Sul e suas implicações para a afirmação do movimento moderno em cada um desses países, levando-nos a questionar a centralidade usualmente atribuída a referências europeias ou norte-americanas. Marguerite Pienaar investiga a viagem do arquiteto sul africano Norman Eaton pela América em 1945, destacando as impressões, registradas em um diário pessoal, sobre o Ministério da Educação e Saúde e o encontro com Oscar Niemeyer. Como mostra Pienaar, a experiência brasileira teve impacto profundo no modo como Eaton e seus seguidores assimilaram tradições africa-

nas a uma arquitetura moderna com identidade local. Arthur Barker, por sua vez, apresenta uma trajetória da formação do movimento moderno na África do Sul e desenvolve uma análise comparada entre os edifícios do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro e o Meat Board Building de Pretoria, mostrando semelhanças formais e nas soluções de adaptação ao clima e à cultura locais.

Os artigos seguintes desenvolvem análises com abordagens diversas voltadas para a escala das cidades e dos espaços urbanos. O artigo de autoria de Alain Bertaud, baseia-se numa análise comparada de Brasília, Johannesburgo e Moscou, a partir de dados sobre densidade populacional e dispersão espacial, para concluir que distintas ideologias subjacentes ao planejamento podem ter implicações similares na configuração do território metropolitano. Ainda no campo da análise de configurações urbanas, mas com interesse na escala dos espaços públicos, Karina Landman trata da discussão crucial, no Brasil e na África do Sul, sobre a utilização de espaços e o medo do crime, numa análise cuidadosa de alguns lugares da capital sul africana. Ainda com atenção a formas de controle dos espaços, o artigo de Guilherme Oliveira Lemos estabelece aproximações entre processos e instrumentos de segregação urbana, racial e de gênero entre Soweto (Johannesburgo) e Ceilândia (Distrito Federal). O artigo de Natalia Cabanillas também trata de desigualdades sociais, de gênero e raciais, com base em pesquisa etnográfica na Cidade do Cabo, na África do Sul, buscando apontar formas de resistência e lógicas de pertencimento a comunidades de mulheres. A despeito da distância que separa Brasil e África do Sul, os artigos que compõem este número da revista Paranoá apontam questões e problemas compartilhados, sugerem instigantes possibilidades de comparação e desafiam a rever interpretações.

Além do dossiê, esta revista traz quatro artigos com resultados de pesquisas desenvolvidas nos campos da história da arte, da urbanização, da paisagem e do planejamento. Neusa Cavalcante analisa as origens do cubismo, estabelecendo relações tanto com a arte africana quanto com modificações no modo de apreender o fenômeno espaço-tempo no começo do século 20. Lidiane Espindola e Eneida Mendonça tratam das transformações na paisagem litorânea da cidade de Vitória, ES, impulsionadas por um plano de urbanização elaborado na década de 1970. Ivone Salgado e Renata Pereira mostram que a análise de procedimentos de elevação de freguesias a vilas na capitania de São Paulo no final do século XVIII contribuem para elucidar o processo de formação daquele território e para compreender a configuração dos seus núcleos urbanos. O trabalho de Ernesto Galindo, no campo do planejamento do território contemporâneo, apresenta uma proposta de critério de delimitação de unidades espaciais mínimas para representação da rede municipal no Brasil.

Neste número da revista Paranoá, arte, arquitetura, cidade e território são campos temáticos abordados por pesquisadores provenientes de áreas do conhecimento e contextos geográficos muito diversos. Mas, os autores compartilham o interesse por estabelecer diálogos interdisciplinares, comparar perspectivas de análise e buscar entender seus objetos de estudos num contexto amplo de relações sociais e históricas. A leitura de seus artigos também deve instigar novas conexões e suscitar férteis questionamentos.

Maria Fernanda Derntl

Acknowledgements

The editorial board wishes to thank Alan Mabin for his long-standing work in connecting Brazilian and South African researchers and also Johan Swart, Marguerite Pienaar and Karlien van Niekerk for help of many kinds to the making of this issue.